www.psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento produzido em 20.09.2015

ALFABETIZAÇÃO:
HÁ UM MELHOR CAMINHO PARA A APRENDIZAGEM?

2015

Vânia Mara da Silva Santos
Pedagoga e professora do Ensino Fundamental. Aluna do Curso de Especialização Lato Sensu em Neuropsicologia e Interfaces com Neurociências da Unifadra-Faculdades Dracena (SP, Brasil)

Lucia Helena Tiosso Moretti
Doutora em Psicologia Clínica. Docente do Curso de Especialização Lato Sensu em Neuropsicologia e Interfaces com as Neurociências da UNIFADRA – Faculdades Dracena S.P. (Brasil)

E-mail de contato:
v.mara2013@bol.com.br

RESUMO

Este artigo tem por objetivo estudar a importância da neurociência no processo educativo e as estratégias de ensino sobre a leitura e a escrita de crianças matriculadas em sala de alfabetização no ensino fundamental. Com intuito de analisar os tipos de atividades desenvolvidas pelos professores desta etapa de desenvolvimento foi realizada uma pesquisa bibliográfica exploratória. Neste sentido, a discussão sobre as estratégias de ensino-aprendizagem de leitura e escrita pautou-se nas seguintes questões: Em que consiste a alfabetização? Há um melhor método? O que é necessário para uma criança aprender ler? Concluiu-se, que não existe método único para alfabetizar todas as crianças, pois, cada uma delas possui suas peculiaridades e encontram-se por vezes em etapas de desenvolvimento diferenciados.

Palavras-chave: Criança, escrita, alfabetização, neurociência.

INTRODUÇÃO

Ao estabelecer um paralelo entre o passado e o presente, observa-se que há tempos, o cérebro tem sido objeto de estudos e pesquisas desde a antiguidade. Sabe-se que muitas pesquisas ainda

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

continuam sem respostas e em outros vários assuntos, não foram ainda interpretados onde em algumas áreas do cérebro continua um enigma para muitos, principalmente para aqueles que se propõe estudá-lo a nível científico. O aprender do aluno acontece no cérebro. Avaliar como este funciona não é a mesma coisa que saber qual é a melhor maneira de ajudar o aluno a aprender. A aprendizagem, a neurociência e a educação estão fortemente ligadas ao desenvolvimento cerebral o qual se molda aos estímulos do ambiente; o estudo da aprendizagem une a educação com a Neurociência.

Considerando o exposto, este artigo tem por objetivo estudar estratégias de ensino sobre a leitura e a escrita de crianças matriculadas em sala de alfabetização de ensino fundamental.

Com intuito de estudar e analisar a forma de se trabalhar com crianças desta etapa de desenvolvimento, foi realizado uma pesquisa bibliográfica exploratória.

De acordo com Porto (2007, p.15), a aprendizagem é um processo essencial da vida. Todo individuo aprende e, por meio da aprendizagem, desenvolve os comportamentos que o possibilitam viver. Todas as atividades e realizações humanas exibem os resultados da aprendizagem.

A aprendizagem acadêmica é essencial para a integração social e para o desenvolvimento dos indivíduos. À escola cabe, não só transmitir conhecimentos, mas principalmente, por meio de uma aprendizagem fundamentada na compreensão, beneficiar a independência, a autonomia e a criatividade dos alunos. Dessa maneira, cabe-lhes promover habilidades transversais aos conteúdos curriculares, que os capacitem a gerirem suas aprendizagens. O processo de aprender significa perpetrar uma explanação e perfil pessoal de uma realidade e, isso faz com que o processo de aprendizagem seja singular e "irrepetível" em cada caso.

Segundo Lima, Mello, Massoni e Ciasca (2006) a aprendizagem, é uma modificação no comportamento resultante do conhecimento ou aprendizado e está sujeito à interação entre fatores individuais e ambientais.

O conhecimento sobre maturação nervosa, conforme descrito por Germano e Capellini (2008) é essencial para explicar como ocorre a aprendizagem. Os terapeutas, de forma geral, creem que as condutas não podem ser exteriorizadas, ainda que seu mecanismo neural tenha se desenvolvido. A aprendizagem infantil no processo escolar está vinculada ao desenvolvimento da criança, a escola, professores, ambiente de aprendizagem formal, atributos orgânicos, condições emocionais e composição familiar. Há décadas que a neurociência não é mais, de longe, uma ciência puramente básica. Atualmente, ela coordena o conteúdo das ciências que a dedica ao estudo do sistema nervoso, sua anatomia e fisiologia bem como patologia. Pesquisadores em educação têm mostrado uma atitude otimista a respeito das descobertas em neurociências e sua contribuição para a teoria e práticas educacionais.

A Neurociência tem um papel essencial de intima ligação com a prática pedagógica, visto que ela investiga o processo de como o cérebro aprende e recorda, desde o nível molecular e celular

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

até as áreas corticais. O estudo da aprendizagem conecta estas duas áreas, portanto, quanto mais se estuda a fisiologia nervosa cada vez menos se pode dissociar o estudo anatômico da abordagem funcional ao sistema nervoso. (Relvas, 2009 b).

As pessoas aprendem de maneira diferente pois um método exclusivo não é o ideal para todos os alunos, é necessário diversas estratégias diferentes de ensinar e assim, consentir ao educando sempre que possível a escolha, para isso, necessita de professores dispostos, sintonizados e envolvidos com a educação e com o método a aplicar ao desenvolver um ensino diversificado e diferenciado, capaz de identificar, respeitar e aproveitar o estilo de aprendizagem preferencialmente mais adequado.

O processo de aprendizagem está relacionado à uma ação integral de crescimento, pois toda aprendizagem desencadeia, em algum sentido, crescimento individual ou grupal. Qualquer intercorrência em um ou mais destes fatores pode influenciar o processo de aquisição da aprendizagem. Um dos fatores essenciais envolvidos na aprendizagem é a valorização dos processos neurais e diferentes formas de aprendizagem que envolve circuitos neurais diferentes. (Pinheiro & Capellini, 2010).

A Neuroeducação entre múltiplas funções torna o ato de estudar, frequentar a escola, ler enfim, aprender, interessante, prazeroso e fácil. As pessoas vêm sendo trabalhadas com essa ciência tanto para suprimir incapacidades de aprendizagem quanto para ampliar conhecimentos específicos; é uma ferramenta moderna e eficiente na construção e transformação do aluno. (Relvas, 2009a).

O vínculo entre a neurociência e a pedagogia possibilita estratégias educacionais inovadoras, plasticidade cerebral, aquisição da linguagem e formação da mente simbólica analisadas em profundidade. Kaneoya (2008) pontua que a ação educativa deve ser uma metodologia dinâmica entre pensamento e linguagem em conjunturas de importância social. Entendemos que os sujeitos envolvidos nesse processo buscam desenvolver uma compreensão sobre a importância de ensinar, aprender, ler, escrever e conhecer em situações que envolvem o uso da linguagem.

Dessa maneira, a educação tem como escopo central permitir aos indivíduos seu preparo para o exercício da cidadania, promovendo, assim, seu progresso pessoal e social por meio de atividades individuais e coletivas. Revelar-se por meio da linguagem, atividade inerente ao ser humano, significa, essencialmente, a necessidade de projetar-se no mundo, de propagar suas capacidades e de desenvolver-se socialmente, possibilitando também ao outro, oportunidades de ação.

Educar é um trabalho complexo que demanda de seus educadores, dentre os distintos fatores, a aptidão (formação) e a atenção. A cada dia se percebem mudanças e com isso as necessidades das pessoas também se modificam em função dos muitos interesses que movem cada sociedade. O

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

grande desafio dos educadores, entretanto, é delinear uma educação adequada em preparar o aluno para essas transformações, ou seja, mostrar um nível de competência em sua área profissional.

No contexto escolar atual, o educador é o mediador entre o objeto do saber e o sujeito, para que esse seja administrador do seu próprio saber/conhecimento. Uma boa aprendizagem é aquela edificada sobre a base da crítica e da reflexão sobre o objeto do conhecimento, e dessa forma, então, proporcionar ao sujeito a capacidade de perceber o mundo que o cerca e seu significado nesse contexto.

A neurociência e a pedagogia juntas proporcionam uma inovadora parceria, acatando as especificidades de cada ciência, elas se completam ao conduzir o aprendiz a um novo sistema, através do qual biologicamente se constrói uma fonte de novas conexões neurais.

Podemos dizer que o neurocientista é um especialista que traz contribuições para a ação pedagógica por compreender as estruturas e o funcionamento do Sistema Nervoso Central, "campo" da aprendizagem. Reconhecer as conexões neurais do educando é imprescindível para que sejam elaboradas atividades que desenvolvam suas funções motoras, sensitivas e cognitivas. É de suma importância que os profissionais envolvidos na educação compreendam que a ação comportamental de seu educando é fruto de uma atividade cerebral dinâmica. (Relvas, 2009a).

A criança, em sua aprendizagem tem na concentração e atenção as essências básicas e importantes para seu o desenvolvimento cognitivo e motor e o aprendizado depende de outros fatores, como o interesse e a funcionalidade adequada das estruturas que irão receber tais estímulos.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL / ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Nas décadas que precederam a Proclamação da República Brasileira, o inicio do processo de ensino e a aprendizagem da leitura e escrita se tornou alvo de apreensão de administradores públicos e intelectuais da Corte e de algumas províncias brasileiras, especialmente a de São Paulo.

Todavia, foi tão somente a partir do primeiro decênio republicano (com as reformas da instrução pública, especialmente a paulista) que os métodos de leitura e escrita se tornaram práticas escolarizadas, ou melhor, ensinadas e aprendidas em espaço público, colocadas sob metodologia sistemática.(p. 330).

Após 1930, com unificação das ações, em nível federal, a educação e, em particular, a alfabetização passaram a incluir políticas e ações governamentais estaduais como campos estratégicos para a promoção e sustentação do desenvolvimento nacional. Desde então, o saber ler e escrever se tornou o indicador fundamental da eficiência da escola pública, leiga e gratuita.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Em função do complexo e multifacetado processo escolar envolvido, a história da alfabetização no Brasil se caracteriza, deste modo, como um movimento igualmente complicado, assinalado pela repetição discursiva da modificação, alusiva a tensão contínua entre constâncias e rupturas, relacionadas a disputas pela supremacia de projetos políticos e educacionais e de uma acepção atual para a alfabetização. (p.331).

A qualidade distintiva e multifacetada dessa alfabetização parece não ter sido sempre tão evidente por si no âmbito de políticas públicas para a alfabetização, legisladas, praticadas e aferidas em níveis local, estadual ou federal no último decênio no Brasil.

Kaneoya (2008) cita o estudo de Celani (2000) "A relevância da Linguística Aplicada na formação de uma política educacional brasileira" que afirma que o estabelecimento de políticas educacionais sólidas no Brasil sofre influências de questões econômicas e políticas e, muitas vezes, distantes do que seria o ideal para a educação. É necessária uma agregação de ações da comunidade ao conhecimento dos especialistas em educação nas decisões que envolvem tais políticas, uma vez que muitas das resoluções para as dificuldades atuais de educação parecem surgir da criação de conselhos comunitários.

Segundo Piaget (2002) a idade historicamente escolhida para o início da escolaridade e da aprendizagem foi de sete a oito anos. Esta opção certamente resultou da observação intuitiva das crianças, pois, é nessa idade que elas estão capacitadas, já possuem uma estrutura mental operatória, possibilitando-as compreender regras, obedecê-las e organizá-las no mundo.

Quando a criança adquire a estrutura operatória concreta, abre-se para ela um amplo e rico leque de possibilidades e, reduzi-la à simples aquisição de um novo código de comunicação (leitura/escrita) significa deixar de explorar e desenvolver todas as suas potencialidades. Certamente existem tempos diferentes para cada aquisição de conhecimento, dependendo da criança, do seu meio e sociedade a qual está inserida. O que importa é que ela chega a um determinado ponto de desenvolvimento, independente do tempo que levou para alcançá-lo, podendo ser alfabetizada antes, durante ou depois dos sete anos.

Recente medida legal modificou o ingresso das crianças no Ensino Fundamental, pois alunos com seis anos de idade devem estar obrigatoriamente matriculados no primeiro ano.

Não existe um método único de alfabetização ideal, que tenha a mesma eficácia para todos os alunos, em todas as circunstâncias.

Segundo Carvalho (2008, p.19), a maior preocupação deve ser sempre com: "como a criança aprende" e não "como o professor ensina". A escolha de um método ou de uma técnica usados pelo professor deve ser orientada, em primeiro lugar pela necessidade da criança. Portanto, o êxito da alfabetização não depende de um método determinado, nem de livro didático, cartilha, mas sim da postura, de segurança, da ação e do comportamento do educador com o desempenho da turma. O

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

importante é transformar a escola em ambiente alfabetizador, com material de leitura, muitos textos significativos e diversificados.

Em seu estudo intitulado "Considerações sobre a história da alfabetização no Brasil: a produção acadêmico-científica e a constituição do campo de pesquisas", Oriani (2012), apresenta um levantamento exaustivo de pesquisas realizadas no âmbito do processo histórico sobre alfabetização, da educação e da escola, abordando ainda, o predomínio de investigações sobre materiais, práticas, produção, uso e circulação de objetos destinados a esse ensino na escola primária brasileira.

Explicam Gomes-Santos e Jordão (2014) que o enfoque da natureza didática da interação em sala de aula, analisada nos âmbitos da alfabetização, considera a sala de aula como espaço principal do trabalho docente no processo de circulação de objetos de saber.

Apontam ainda que:

> Ao tomar como objeto de estudo "a interação como o meio em que ocorre a aprendizagem", o linguista aplicado tem em sua frente aspectos da linguagem, da psicologia e da estrutura social integrados em um mesmo evento, e a consideração desses três aspectos é fundamental para descrever e explicar o funcionamento da sala de aula. (p.34).

A abordagem da interação em sala de aula pressupõe uma definição qualitativa do contexto da sala de aula que visa observar a maneira pela qual as ações que se revelam na sala de aula se estabelecem em práticas situadas. Esses processos, idealizados como procedimentos de aquisição, de escolarização e de socialização, compõem- se nas práticas escolares de circulação de saberes e de construção de maneiras de agir (competências) e maneiras de ser (identidades). (p.36).

2. ALFABETIZAÇÃO OU LETRAMENTO?

De acordo com Morais (2010) nota-se a relação existente entre alfabetização e letramento, sendo a concepção desses conceitos muitas vezes aceita enquanto a troca de um termo por outro, ou mesmo de entendimento da alfabetização enquanto pré-requisito do letramento, elemento esse que deriva da dicotomia existente entre alfabetizar e letrar.

Alfabetizar e letrar podem causar certa confusão, por isso, a necessidade de compreender os conceitos de alfabetização e de letramento, considerando a especificidade de cada vocábulo, a fim de que se realce o valor de que ambos são procedimentos distintos, porém indissociáveis.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

A alfabetização escolar, segundo Mortatti (2010) é entendida como um processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita em língua materna, na fase inicial de escolarização de crianças. É um método complexo e multifacetado que abrange ações nomeadamente humanas e políticas, caracterizando-se assim, como dever do Estado e direito constitucional do cidadão.

A autora explica ainda que:

> Em sociedades letradas contemporâneas, essa relação tanto impõe a necessidade de inserção/inclusão dos não alfabetizados no mundo público da cultura escrita e nas instâncias públicas de uso da linguagem, quanto demanda a formulação de meios e modos mais eficientes e eficazes para implementar ações, visando concretizar essa inserção/inclusão, a serviço de determinadas urgências políticas, sociais e educacionais. (Mortatti, 201l, p.328).

A alfabetização deve ser entendida como um processo que se inicia com a criança, ouvindo, combinando pegando e experimentando objetos. Ler é a substituição de um código auditivo/oral para um código visual/escrito. Assim, a decodificação é fundamental e ajuda a compreender o caminho no processo de alfabetização, deve vir, a seu tempo, juntamente com um conjunto de atividades interessantes e significativas para a criança nesse período.

Pode-se dizer que todas as atividades da criança são "leituras das experiências", por exemplo, quando ela leva um objeto à boca, quando agarra, puxa e encaixa objetos, ou quando ouve e imita sons, ela está lendo o mundo que a cerca. Toda criança possui um esquema de assimilação que evolui de acordo com a etapa de desenvolvimento que atravessa. Nos primeiros anos de vida esse desenvolvimento é eminentemente sensório-motor e simbólico.

O que vem ocorrendo nas práticas pedagógicas é que não concebem a leitura como um processo construtivo e sequenciado, que depende da globalização das ações dos sujeitos na conclusão do seu próprio conhecimento.

Quanto ao processo de escolarização, Brotto (2013) pontua que:

> O letramento tem sido pautado no sentido de superação de um modelo de ensino e de aprendizagem que trabalhe os conhecimentos escolares, os conteúdos científicos, de modo que sua apropriação extrapole o círculo dos deveres escolares e a decorrente promoção e/ou retenção dos alunos, em qualquer ano/série ou grau de escolarização. (p.22).

Para o processo de alfabetização ser, de fato, adequado para o aluno, há que se debater a compreensão da linguagem que permeia esse processo, ou seja, a didática do professor tem que atender a expectativa de linguagem adotada para esse seu ensino, porque, ainda que se aceite que

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

a alfabetização tem suas especificidades, essas só podem ser adequadamente compreendidas se, no ensino da língua escrita, estiverem contemplados os seus usos sociais. (p.27).

Nesse sentido, a discussão sobre as estratégias de ensino-aprendizagem de leitura e escrita pautou-se nas seguintes questões: Em que consiste a alfabetização? Qual será o melhor método? O que é necessário para uma criança aprender ler?

3. ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA DINAMIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA

A aquisição da leitura e da escrita são ações que demandam técnicas organizadas metodologicamente, e estão sujeitas igualmente a estímulos e motivações. O hábito de ler e de escrever pode ser obtido em algum momento da vida do aluno, como pontuam Rangel e Machado (2012).

> Compreender e usar as linguagens escrita e oral são um recurso indispensável para a aquisição do conhecimento em suas várias formas de expressão, para o enriquecimento de vocabulários, para o aprimoramento da comunicação e também para a vivência da experiência de entretenimento, de construção de conhecimentos que ambas oferecem. (p.2).

As experiências de leitura e escrita devem ser vivenciadas tanto na escola, como fora dela. Será preciso que a escola (considerando que ela, comprometida com os alunos, não pode se esquivar de ajuda-los a aprender a ler e a escrever) implante um projeto coletivo entre os professores, no qual em todas as disciplinas do currículo escolar o aluno possa vivenciar de forma organizada os ensaios de leitura e de escrita.

Tal projeto pode ser desenvolvido através de atividades atraentes capazes de extrapolar os muros da escola. Esse plano de estímulo à leitura e à escrita permitirá aos alunos desvendar o adequado valor da leitura e aprimorar o seu rendimento escolar. A leitura e a escrita são aprendizados que exigem que o aluno adquira competências peculiares para que possa se apropriar do conteúdo lido de forma a significá-lo e ressignificá-lo no seu dia-a-dia. Os educadores são os articuladores e agentes fundamentais dessas técnicas sistematizadas e delineadas do conhecimento e importância de um mundo letrado. (Rangel & Machado, 2012, p.3).

Baseado nos pressupostos de Rangel e Machado (2012), descrevemos abaixo, algumas atividades, técnicas e estratégias, sugeridas pelas autoras e que podem ser desenvolvidas nos conteúdos programáticos das disciplinas. Tais atividades estão arroladas de forma minuciosa, com o intuito de colaborar para a implementação de exercícios de leitura e escrita organizadas

mediante um material preparado sistematicamente, cujos procedimentos foram adaptados a cada estratégia,conforme o contexto e teor programático elaborado pelo professor de modo a significar o conhecimento a ser construído, reproduzido e usado no cotidiano da vida de alunos e professores.São elas:

- Implementar a leitura, a escrita e a reescrita de: carta, conto, poesia, notícias de jornal, receitas em geral, filmes, bilhetes, histórias em quadrinho, música, provérbios, facebook, formspring, blog,slogans publicitários, outdoors, frases, gravuras, mapas, gráficos, mapas mentais, mensagens, livros, textos informativos e científicos.
- Fazer mímica; criar outros finais para a história lida – histórias reais e fictícias; desenhar sobre o que foilido; elaborar maquetes, gráficos, cartazes, esquemas, mapas conceituais; dramatizar o conteúdo do texto;
- Mudar o texto de gênero e linguagem; construir jogos, bingos, gincanas, caça-palavras, palavras cruzadas; completar lacunas em textos; ler imagens; oficinas; teatro; pesquisa documental e bibliográfica; excursão;
- Promover passeios orientados.
- Usar técnicas de ensino coletivo: exposição do professor, leituras orientadas e dinâmicas de leitura, demonstrações, projeções, debates, seminários, simpósios, Philips 66, dupla, painel, comissão, brainstorming, (tempestade mental de ideias), júri simulado, mesa-redonda, experimentação, observação, ataque e defesa, grupo de verbalização – GV – grupo de observação – GO, discussão circular, entrevista, trabalho em dupla, cochicho, painel integrado e aulinha, diálogo, leitura - em voz alta, compartilhada, silenciosa, individual, dentre outras. (Rangel & Machado, 2012, p.4)

Qualquer que seja o método, o importante é deixar espaço para as experimentações das crianças, para os seus erros e acertos respeitando o ritmo de trabalho das crianças, sem cobrar qualquer que seja o método, o importante é deixar espaço para experimentações, erros e acertos, respeitando o ritmo de trabalho deles sem cobrança de imediatas respostas completas e perfeitas aos olhos do professor.

É preciso encorajar e apoiar a reflexão das crianças, certificar-se que elas encontrem maneiras diferentes de dizer a mesma coisa, respostas originais sem pressão de tempo e de padrões adultos. As atividades devem ser elaboradas e/ou selecionadas pelo professor visando aos alunos em situações desiguais dentro da psicogênese. Dificilmente todos os alunos de uma classe estarão ao mesmo tempo num mesmo nível conceitual.

Cabe ao educador provocar desafios, dentro das possibilidades do aluno, baseando sua pratica pedagógica em conhecimentos teóricos e científicos. Embora, também, não deixando, de forma alguma de valorizar os conhecimentos já adquiridos pelos alunos, criando um ambiente rico em estímulos, fornecendo materiais diversificados, que seja atrativo e significativo, provocando neles o gosto e interesse pela leitura e a escrita.

Uma mesma atividade pode ser trabalhada com crianças em vários níveis no proces¬so de aquisição da escrita e da leitura, contanto que ela englobe um espaço amplo de problemas e que o professor provoque, diferentemente, questões e desafios adaptados aos alunos em situações desi¬guais, reconhecendo e valorizando suas respostas e comportamentos frente ao que foi proposto. Assim, as atividades aqui apontadas podem atender também a outros níveis, que não apenas ao alfabético; o que muda é o foco de interesse didático.

Sugerir a escrita de textos a partir de outros textos já conhecidos pelos alunos: letras de música, poesias, histórias memorizadas, descrição de brincadeiras, regras de jogos etc. também podem ser utilizados para leitura e análise.

O trabalho com produção de textos tem como finalidade formar escritores competentes, criativos e capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes. Leitura de diferentes textos: livros, revistas, parte de jornais, cartas, bilhetes, convites, propagandas, anúncios, músicas, poesias, parlendas, adivinhações, trava-línguas etc., leitura e narração de histórias pelo professor permite a macro vinculação do texto escrito com o discurso oral.

Há vários tipos de leituras que podem ser desenvolvidas em sala de aula, além daquelas realizadas pelos alunos e coordenada pelo professor, há, ainda, a leitura compartilhada possibilitando aos alunos o acesso a textos mais complexos, os quais muitas vezes ainda não lêem sozinhos, mas ficam fascinados e encantados pela beleza e qualidade do texto escolhido.

Em nossa sociedade, cabe à escola a tarefa de conduzir o processo de alfabetização, criar as condições para que todas as crianças sob sua responsabilidade aprendam a ler e a escrever. A escola como um todo precisa ser motivada a descobrir o seu verdadeiro papel no processo ensino-aprendizagem. A educação, como elemento transformador, precisa provocar a gratificação e a iteração entre a escola, professores e alunos.

Acredita-se que para verificar o que as crianças já sabem é fundamental propor atividades que permitam as manifestações espontâneas dos alunos, por meio da fala, da dramatização do desenho, da própria escrita. As atividades exploratórias nos dão pistas para planejar atividades que correspondam às necessidades reais das crianças que deem a elas as informações necessárias para prosseguir na sua aprendizagem da língua, partindo de suas conquistas anteriores, sem reprimir as construções originais.

Diante do exposto acima fica evidente a necessidade de a escola proporcionar um ambiente favorável ao letramento visto que, há crianças que não possuem contato com o mundo letrado fora dela. È preciso oferecer suporte para que o ensino saia da simples alfabetização caminhando para o letramento.

As crianças vão tomando consciência de que nem sempre se escreve como se fala, por exemplo, vão percebendo que, para que suas ideias escritas sejam compreendidas por outras pessoas, é preciso que as palavras sejam escritas de determinada forma, obedecendo a

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

determinados critérios escrevendo da esquerda para a direita, na horizontal escrevemos uma letra depois da outra. As letras não sobrepõem, como as linhas e os traços de um desenho, não escrevem como ouvimos o que se fala. As pausas e as separações da escrita são diferentes da fala. A sistematização do processo de alfabetização se processa ao longo dos anos subsequentes.

Na medida em que o aluno adquiriu segurança no contato prazeroso, contextualizado e significativo com língua escrita, sua leitura torna-se mais fluente e compreensiva. Por meio da leitura o aluno assimila, aos poucos, as convenções ortográficas e gramaticais, adquirindo competência escritora compatível com as exigências da escrita socialmente aceita. Desenvolve-se assim, o gosto e o interesse pela leitura e a habilidade de inferir, interpretar e explorar as ideias do autor formando-se leitor crítico.

Podemos comparar que a prática pedagógica nem sempre está de acordo com as necessidades de cada educando, que não existe método único para alfabetizar todas as crianças. Pois, cada uma delas possui suas peculiaridades, encontra-se por vezes em etapas de desenvolvimento diferenciados.

É preciso, no entanto, um olhar mais específico para as crianças que não conseguem acompanhar o andamento dos colegas da sua sala de aula. O professor deve buscar caminhos diferenciados para contribuir para o avanço do ensino-aprendizagem de todos de forma singular considerando que cada um possui um ritmo para aquisição do conhecimento e que não há um receituário para se alfabetizar e letrar uma criança, fazendo-se necessários professores alfabetizadores comprometidos com seu ato de educar ensinando e ensinar educando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem da linguagem escrita e oral é um processo cognitivo que se concretiza de maneira distinta em cada sujeito. Assim sendo, é necessário que o professor lance mão de vários recursos pedagógicos e linguísticos, considerando as peculiaridades e as especificidades de cada aluno-sujeito durante a prática dos conteúdos disciplinares, promovendo a compreensão dos conteúdos apresentados.

Compete ao professor dinamizar suas aulas empregando todos os recursos disponíveis, com intuito de fazer com que cada aluno, segundo suas possibilidades e potencialidades aprenda de forma expressiva. Não obstante, o contexto da sala de aula e as exigências próprias do fazer pedagógico são desafios que se traduzem no cotidiano vivido por professores e alunos ao partilharem uma ação conjunta que envolve o ensinar e o aprender,

Quando de sua aplicabilidade e funcionalidade, bem como das exigências de cunho social, cultural, pessoal, profissional, econômico e intelectual de todos os envolvidos, o processo de ensino

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

e aprendizagem eficiente desenvolvido pelo professor está sujeito ao trabalho organizado, crítico-reflexivo, sobretudo no que se refere ao planejamento, aos objetivos e à implementação dos conteúdos disciplinares/conceituais (teóricos e práticos), procedimentais (habilidades) e atitudinais (valores), à avaliação e ao valor dado a todo esse processo de ensino-aprendizagem, com vistas à independência dos professores e dos alunos, interatuando através da linguagem aprendida e apreendida.

O ensino e a aprendizagem da linguagem escrita e oral estão sujeitos ao trabalho coletivo de todos os educadores. É essencial que os professores percebam que os sentimentos que incentivam a aprendizagem positiva ou negativa, devem compreender que o ser humano é um ser emocional, que pensa coerente com esta nova visão. É necessário que os educadores aprendam a ler e entender as emoções, alegria, tristeza, raiva, medo de seus alunos e, principalmente, a lidar de forma competente.

Sob esse aspecto considera-se importante criar um ambiente seguro e convidativo para a aprendizagem, livre de desrespeito, ofensas e humilhações. Em ambiente de medo e insegurança, o aluno torna-se passivo além de perturbar a disciplina, naturalmente indesejável, em sala de aula. O cérebro desse aluno reagirá imediatamente adotando uma postura de fuga ou ataque, ao contrário de que, quando o erro é aceito e tratado de forma natural como parte do processo de crescimento, ele aprende com a situação. É recomendável um clima emocional positivo dentro da escola e da sala de aula com alegria, respeito mútuo, elogios e brincadeiras sadias.

Nesse sentido, vários fatores influenciam a ação do professor em sala de aula e suas ações dificultando o processo ensino\aprendizagem: o uso de procedimento inadequado, a carência de recursos didáticos, as condições insatisfatórias de trabalho, sem contar a dinâmica emocional do ser humano somando-se a isto, os desajustes familiares na vida do aluno, a violência hoje presente tanto fora como dentro da escola e o lugar do fracasso ocupado apenas pelo aluno, quando deveriam lá estar, o professor, o aluno e a escola.

Uma nova visão educacional sugere instalação de ambientes enriquecidos e centralizados no eclodir da criatividade e da inteligência de cada criança, cuja motivação será de melhor qualidade e, ao fazer isto, possa desenvolver ao máximo o seu talento.

Cabe ao educador provocar desafios, dentro das possibilidades do aluno, baseando sua pratica pedagógica em conhecimentos teóricos e científicos, não deixando de valorizar os conhecimentos já adquiridos pelas crianças, criando um ambiente rico em estímulos, fornecendo materiais diversificados, que seja atrativo e significativo para todo, provocando nela o gosto e interesse pela leitura e a escrita. O objetivo maior da escola é o conhecimento, é inserir os alunos num universo letrado, buscando ampliar ao máximo seu horizonte cultural e também, sua capacidade cognitiva.

Conclui-se, que não existe método único para alfabetizar todas as crianças, pois, cada uma delas possui suas peculiaridades e encontram-se por vezes em etapas de desenvolvimento

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

diferenciados. Cabe ao professor provocar desafios, dentro das possibilidades de cada uma, baseando sua prática pedagógica em conhecimentos teóricos e científicos, sem deixar de valorizar os conhecimentos já adquiridos, criando um ambiente rico em estímulos, fornecendo materiais diversificados, que sejam atrativos e significativos, provocando o gosto e interesse pela leitura e a escrita.

A perspectiva é formar alunos que saibam produzir e interpretar textos, orais e escritos, de uso social e que estejam presentes nas mais variadas formas de comunicação, que permitam plena participação no mundo letrado.

Assim sendo, é preciso que, em sua prática pedagógica diária, o professor possa colaborar para o desenvolvimento de alunos leitores e escritores competentes, a partir da aprendizagem do que o mundo letrado é capaz de oferecer quando se entra na familiaridade com o texto, com as palavras e assim, são constituídos diversos significados para a vida do professor e de seu aluno.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROTTO, I. J. de O. (jan./mar 2013). A alfabetização e o contexto histórico, político e enunciativo do letramento escolar. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 21-28.

CELANI, L. (2000). "A relevância da Linguística Aplicada na formação de uma política educacional Brasileira". In: FORTKAMP, M. B. M. & TOMITCH, L. M. B. (orgs.). **Aspectos da Linguística Aplicada**: estudos em homenagem ao professor Hilário Ignácio Bohn. Florianópolis: Insular, p. 17-32.

CARVALHO, M. (2008). **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Rio de Janeiro: Vozes.

GERMANO, G. D. & CAPELLINI, S.A. (Out-dez, 2008). Eficácia do programa de remediação auditivo-visual computadorizado em escolares com dislexia. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**. V. 20, n.4.

GOMES-SANTOS, S. N. & JORDÃO, H. G. (jan./jun. 2014). Interação e trabalho docente em aula de alfabetização. **Trab. Ling. Aplic**., Campinas, v. 53, n.1, 33-54.

KANEOYA, M. L. C. K. (2008) Ser alfabetizador: crenças, expectativas e ações de uma alfabetizadora de jovens e adultos. **Trab. Ling. Aplic**., Campinas, 47(1): 169-181, jan./jun.

LIMA, R. F. MELLO, R. J. L., MASSONI, I. & CIASCA, S. M. (2006). Dificuldades de aprendizagem: queixas escolares e diagnósticos em um serviço de neurologia infantil. **Rev Neurociências**, v. 14, n. 4.

MORAIS, G. A. S.(2010). Alfabetizar letrando: desafios da prática pedagógica alfabetizadora. **Anais** do VI Encontro Anped,GT_04_02.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

MORTATTI, M. R. L. (maio/ago 2010). Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15 n. 44.

ORIANI, A. P. (jul./dez 2012). Considerações sobre a história da alfabetização no Brasil: A produção acadêmico-científica e a constituição do campo de pesquisas**. ETD – Educ. Temat. Digit**.. Campinas, SP v.14 n.2, 94-112.

PIAGET. J. (2002). **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

PINHEIRO, F. H. & CAPELLINI, S.A. (jan-mar 2010). Treinamento auditivo em escolares com distúrbio de Aprendizagem. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**. v. 2, n.1.

PORTO, O. (2007). **Bases da Psicopedagogia, diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem.** Rio de Janeiro: Ed. Wak.

RANGEL, M.; MACHADO, J. do C. (2012). O papel da leitura e da escrita na sala de aula: estratégias de ensino para dinamização dos processos de leitura e escrita. **Anais do SIELP**. v 2, n.1. Uberlândia: EDUFU.

RELVAS, M. P. (2009a**). Neurociência e Educação**? Potencialidade dos gêneros humanos na sala de aula. Rio de Janeiro: Wark.

_____. (2009b). **Fundamentos Biológicos da Educação**: Despertando inteligências e afetividade no processo de aprendizagem. Rio de Janeiro: WAK Editora.